

A Prática Filosófica na Sala de Aula: Um Caminho para a Valorização da Atividade Docente no Contexto do Mestrado Profissional¹

Philosophical Practice in the Classroom: A Path to Valuing Teaching Activity in the Context of a Professional Master's Degree

Lucas Douglas Santana de Souza

Orientação: Prof. Junot Cornélio Matos

Resumo

O presente trabalho discute a valorização da atividade docente, evidenciando os desafios enfrentados pela categoria desde a formação inicial até o exercício profissional. Apresenta-se uma crítica ao caráter tecnicista que se oculta no modelo bacharelesco de formação, o qual frequentemente distancia o futuro professor das demandas reais da sala de aula. Entre os obstáculos do fazer pedagógico, destacam-se questões sociopolíticas, culturais, históricas e metodológicas que atravessam o cotidiano escolar. Como possível caminho para a valorização docente, propõe-se a leitura e análise de dissertações de mestrado profissional, que cumprem a função de expor problemas vivenciados no chão da escola e apresentar soluções viáveis. A incorporação desses materiais na formação inicial pode oferecer subsídios importantes aos graduandos, qualificando-os para o mercado de trabalho, aproximando-os da realidade escolar e tornando o ensino de filosofia mais atrativo e democrático para o educando.

Palavras-chave: Infância; Rousseau; Filosofia para Crianças.

Abstract

This paper discusses the valorization of teaching activity, highlighting the challenges faced by the profession from initial training to professional practice. It presents a critique of the technicist character embedded in the bachelor-centered training model, which often distances future teachers from the real demands of the classroom. Among the obstacles of pedagogical practice, sociopolitical, cultural, historical, and methodological issues that permeate the school environment are emphasized. As a possible path toward enhancing the value of the ¹teaching profession, the study proposes the reading and analysis of professional master's dissertations, which expose problems experienced in the school context and present feasible solutions. Incorporating these materials into initial teacher education may offer important support to undergraduate students, better preparing them for the job market, bringing them closer to school realities, and making philosophy teaching more attractive and democratic for learners.

Keywords: Philosophy teaching; PROF-FILO; teacher valorization.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Filosofia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), cuja banca de defesa foi composta pelos seguintes membros: Prof Junot Cornélio Matos na seguinte data: 12 de dezembro de 2025.

² Graduando em Filosofia na UFPE.

³ Professor do Curso de Filosofia da UFPE.

1 INTRODUÇÃO

A formação e a valorização do professor de Filosofia no Brasil estão inseridas em um cenário marcado pela desvalorização docente, pela instabilidade curricular da disciplina e pelo distanciamento entre teoria e prática na formação inicial. Esses fatores impactam diretamente o ensino de Filosofia na educação básica e fragilizam a construção da identidade docente.

Nesse contexto, o Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) apresenta-se como um espaço estratégico de articulação entre reflexão filosófica e prática pedagógica, possibilitando ao professor em exercício enfrentar os desafios concretos do chão da escola. Este trabalho analisa o papel do PROF-FILO na qualificação da docência em Filosofia, destacando as contribuições de suas dissertações para o ensino na educação básica e defendendo a prática docente como locus legítimo de produção de conhecimento filosófico-pedagógico.

2 POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DOCENTE: SOLUÇÕES PARCIAIS E O ENCONTRO COM O CHÃO DA ESCOLA

Diante de um contexto em que a profissão docente é profundamente desvalorizada, desde o período de formação até o exercício efetivo da carreira, observa-se um cenário preocupante: altas taxas de evasão nos cursos de licenciatura, baixos salários, condições precárias de trabalho e escassez de oportunidades na área. Nesse cenário, surgem diversas políticas de incentivo, como o Pé-de-Meia Licenciatura e o PIBID, entre outros programas universitários que buscam colaborar tanto para a formação quanto para a permanência dos estudantes.

Algumas dessas políticas se apresentam como um “santo remédio”, enquanto outras funcionam apenas como medidas paliativas — não eliminam o problema, mas reduzem seus impactos ou retardam seus efeitos negativos. O PIBID, nesse sentido, pode ser visto como um programa que, ao mesmo tempo em que soluciona algumas questões, também revela contradições pois o fato do aluno está inserido no meio escolar ele nota o caráter de bacharel que o curso dele carrega. Muitos estudantes de licenciatura desanimam logo nos primeiros contatos com a realidade da profissão, seja pela fragilidade das políticas educacionais, seja pela formação precária, marcada pela excessiva cientificização do curso.

O PIBID, contudo, surge como um incentivo fundamental e um espaço de aperfeiçoamento na formação do graduando. Além da bolsa de auxílio, proporciona a

inserção do estudante, ainda nos primeiros semestres, no cotidiano escolar. É nesse espaço — o chão da escola — que o futuro professor encontra a possibilidade de se afirmar enquanto tal, resistindo às pressões do modelo universitário que, culturalmente, tende a priorizar o bacharelado e a pesquisa, relegando a licenciatura a um segundo plano.

3 ENTRE A TEORIA E O CHÃO DA ESCOLA: O MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA NA FORMAÇÃO DOCENTE

No que diz respeito ao período posterior à formação inicial, ou seja, à pós-graduação, coloca-se a questão: quais são os mecanismos de valorização, aperfeiçoamento e incentivo à melhoria da formação profissional? Nesse contexto, o mestrado profissional tem se consolidado como um dos principais instrumentos de qualificação docente na pós-graduação, especialmente por suas especificidades educacionais voltadas para a educação básica.

O mestrado profissional oferecido pela Coordenação de aperfeiçoamento de pessoas de nível superior (CAPES), regulamentado pela portaria MEC N° 389. É um programa de pós-graduação de *stricto sensu* visa a formação avançada de profissionais em várias áreas do conhecimento. Em linhas gerais, o mestrado profissional tem em seu regimento o aspecto de desenvolvimento e aperfeiçoamento da formação para atender demandas do mercado de trabalho. Tem como objetivo geral:

(...) contribuir com o setor produtivo nacional no sentido de agregar um nível maior de competitividade e produtividade a empresas e organizações, sejam elas públicas ou privadas. Consequentemente, as propostas de cursos novos na modalidade Mestrado Profissional devem apresentar uma estrutura curricular que enfatize a articulação entre conhecimento atualizado, domínio da metodologia pertinente e aplicação orientada para o campo de atuação profissional específico. Para isto, uma parcela do quadro docente deve ser constituída de profissionais reconhecidos em suas áreas de conhecimento por sua qualificação e atuação destacada em campo pertinente ao da proposta do curso. O trabalho final do curso deve ser sempre vinculado a problemas reais da área de atuação do profissional-aluno e de acordo com a natureza da área e a finalidade do curso, podendo ser apresentado em diversos formatos. (BRASIL, 2023, p. 2)

Um dos formatos é o (PROF-FILO), Mestrado Profissional em Filosofia que foi aprovado pela CAPES em 2016 e tem como objetivo CONFORME: BRASIL (2023, SP.)

pós-graduação na modalidade mestrado profissional, em rede, com abrangência nacional. Art. 2º. O curso, com área de concentração em Ensino de Filosofia, é predominantemente presencial e confere aos discentes concluintes o título de Mestre em Filosofia. Art. 3º. A finalidade do PROF-FILO é a melhoria da qualidade da docência em Filosofia na Educação Básica, oferecendo aos profissionais admitidos uma formação filosófica e pedagógica aprofundada voltada para o exercício da docência da Filosofia, em especial no Ensino Médio.

O Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) possui como característica essencial a articulação entre a formação acadêmica avançada e a prática docente cotidiana. O requisito de que o mestrando esteja atuando em sala de aula proporciona uma oportunidade ímpar para uma práxis mais efetiva, pois o professor em exercício não apenas assimila os conhecimentos teóricos discutidos no programa, mas também os aplica e avalia continuamente em seu contexto escolar. Essa vivência cria um movimento dialético entre teoria e prática: os problemas concretos enfrentados diariamente — como o engajamento dos alunos, a seleção de conteúdos, a construção de metodologias ativas e a promoção do pensamento crítico — tornam-se matéria-prima para reflexão, pesquisa e inovação pedagógica. Tem sido um “santo remédio”.

.4 SITUAÇÃO DA FILOSOFIA NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA E SEUS ALTOS E BAIXOS

No caso específico da Filosofia, a situação torna-se ainda mais complexa. Além dos problemas metodológicos enfrentados pela categoria docente, a disciplina vem sendo amplamente desvalorizada — primeiro pelos governantes, cujas políticas educacionais frequentemente reduzem seu espaço no currículo, e, como reflexo disso, pelos próprios alunos.

Após a reforma do ensino médio de 2017, deixou de ser obrigatória, passando a ocupar apenas um lugar transversal dentro da área de Ciências Humanas. Apesar disso, algumas escolas resistiram e mantiveram a filosofia como disciplina obrigatória e autônoma. Contudo, em termos nacionais, ela é formalmente considerada apenas um componente da área de Ciências Humanas. Porém, esse não é um problema novo. Diferentes governos desvalorizaram a Filosofia e a colocaram em posição de subdisciplina, ora tornando-a obrigatória, ora reduzindo-a a optativa, variando de acordo com os contextos políticos, ficando à mercê dos interesses ideológicos dos governantes.

Um breve apanhamento histórico: foi introduzida com a reforma de Francisco Campos (1931) e reforçada na reforma Capanema (1942). Foi em seguida, relativizada na Lei de Diretrizes e Bases de 1961. Durante a ditadura militar com a Lei nº 5.692/71, tanto a Filosofia como a Sociologia foram retiradas do currículo e substituídas por

disciplinas de caráter cívico-ideológico. Na década de 1980, com a abertura política, a Filosofia começou a ser reintroduzida em alguns estados. Pautas da Constituição de 1988 deram forças para a Filosofia ser reintegrada, pois tinha um caráter humanista e visava à valorização das humanidades. A nova LDB, de 1996, reconheceu a importância da Filosofia, mas ainda não estabeleceu sua obrigatoriedade. Somente em 2008, por meio da Lei nº 11.684, a Filosofia e a Sociologia tornaram-se disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio. Contudo, a reforma do ensino médio em 2017 (Lei nº 13.415) novamente retirou a obrigatoriedade da Filosofia, sendo reduzida a conteúdo transversal dentro das Ciências Humanas. Entretanto, a situação vem sendo revista desde 2023, com a revisão do Novo Ensino Médio.

5 ENSINO DE FILOSOFIA NO CONTEXTO CULTURAL

O que dizer das inúmeras dificuldades que a Filosofia enfrentou e ainda enfrenta ao longo da história? Diversos processos de descredibilização foram promovidos não apenas por governantes, mas também por fatores culturais. No imaginário social brasileiro, em grande parte, está arraigada a ideia equivocada de que o conhecimento filosófico não possui utilidade prática. Conforme Marilene Chaui (200, p.10)

Em nossa cultura e em nossa sociedade, costumamos considerar que alguma coisa só tem o direito de existir se tiver alguma finalidade prática, muito visível e de utilidade imediata. Por isso, ninguém pergunta para que as ciências, pois todo mundo imagina ver a utilidade das ciências nos produtos da técnica, isto é, na aplicação científica à realidade. Todo mundo também imagina ver a utilidade das artes, tanto por causa da compra e venda das obras de arte, quanto porque nossa cultura vê os artistas como gênios que merecem ser valorizados para o elogio da humanidade. Ninguém, todavia, consegue ver para que serviria a Filosofia, donde dizer-se: não serve para coisa alguma.

Esse pensamento é resultado de uma sociedade tecnicista e utilitarista, construída a partir da industrialização e da mercantilização, é a valorização de resultados numéricos em detrimento da humanidade do indivíduo, sacrificando sua capacidade crítica e autonomia. Da mesma forma que um aluno se pergunta “qual a utilidade de uma função exponencial, um conceito matemático, no dia a dia?”, com a filosofia a situação é ainda mais complexa. Nesse caso, o aluno não questiona apenas um tema isolado, mas tende a avaliar a disciplina como um todo, muitas vezes sem perceber sua relevância para a formação integral e cidadã.

Esse imaginário agrava ainda mais a situação do professor de Filosofia, que, em muitos casos, não é levado a sério em sala de aula. Comentários como ‘pronto, agora vamos viajar’ permanecem no senso comum e tornam a Filosofia conhecida pelas vias

equivocadas. Esse cenário contribui para a formação de uma sociedade em déficit, pois ela deixa de ser nutrida por tudo o que a Filosofia pode oferecer. Pessoas facilmente manipuláveis, pois não se questionam, toda *Fake News* pode ser tida como uma verdade absoluta, são facilmente levadas por demagogias e carregadas por ventos de doutrinas.

A situação de descredibilização cultural e política em que a filosofia se encontra torna o trabalho do professor dessa disciplina ainda mais desafiador. Isso ocorre porque os fatores culturais e políticos impactam diretamente o ambiente escolar, refletindo-se na sala de aula e tornando a filosofia um campo de estudo pouco atrativo para os alunos. Para muitos deles, a aula de filosofia é vista como uma espécie de “aula vaga”, um momento em que podem dormir, conversar entre si, ouvir música ou se distrair com outras atividades, ao invés de se envolver com o conteúdo filosófico. Esse distanciamento dos alunos em relação à disciplina evidencia a dificuldade de se criar um ambiente estimulante e reflexivo, que desperte o interesse e a curiosidade necessários para o verdadeiro aprendizado. E esta é só mais uma das situações que dificultam o trabalho do professor no ambiente escolar.

6 CHÃO DA ESCOLA: UM LUGAR DE PRAXIS PEDAGÓGICA

Já analisamos alguns dos problemas enfrentados pelo professor de Filosofia em seu cotidiano; contudo, o que foi exposto até aqui revela apenas a superfície da questão. O problema real manifesta-se no chão da escola, verdadeiro horizonte de eventos ondede fato, tudo acontece.

Eis, portanto, a relevância do ambiente escolar para o desenvolvimento profissional do docente. Embora o estudante curse disciplinas voltadas à sua formação como Didática, Laboratórios, Metodologias de Ensino, entre outras, é na sala de aula que sua identidade docente se constrói de fato. Nesse espaço, desafios, experiências e responsabilidades atuam como elementos que forjam e consolidam essa identidade. Disciplinas de estágio e programas como o PIBID oferecem ao graduando um primeiro contato com a realidade escolar; entretanto, é no mestrado profissional que esse processo se aprofunda, favorecendo o desenvolvimento de uma maturidade docente — não no sentido de algo concluído, mas como uma construção permanente e contínua. (...) “A formação não é sinônimo de forma, de cristalização, de fazer definitivo.” (Mattos, 2023, p.20)

Os professores e alunos do PROF-FILO conseguem captar, de forma privilegiada, os diferentes desafios presentes no cotidiano escolar e, a partir dessa vivência, propor,

em suas dissertações, possíveis soluções. Um problema recorrente no meio acadêmico é a tendência de buscar filósofos distantes da realidade da educação brasileira — muitas vezes pensadores europeus, de outros contextos históricos e culturais. Isso não significa abandonar os clássicos medievais ou modernos, mas sim reconhecer o valor das contribuições produzidas pelos mestres profissionais em atuação. Infelizmente, muitas dessas dissertações acabam armazenadas em repositórios e permanecem praticamente invisíveis, apesar de conterem análises profundas e soluções riquíssimas para problemas concretos, como, por exemplo, os enfrentados em Recife ou em Caruaru.

7 DISSERTAÇÕES E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ao analisarmos diferentes dissertações, mesmo que abordem temas distintos, percebe-se um ponto de conexão que as entrelaça. Os trabalhos dos mestres e mestrandos do PROF-FILO parecem dialogar entre si, numa constante complementaridade. É como se os diferentes professores estivessem de mãos dadas na luta pela melhoria da qualidade do ensino de Filosofia — alguns voltados para a defesa dos professores, outros para a ampliação da oferta da disciplina não apenas no ensino médio, mas também na educação infantil, outras abordagens de temas e “aplicação” de metodologias.

Este trabalho foi fundamentado em algumas dissertações, que podem ser destacadas como possíveis soluções para os problemas, denúncias, reclamações e reivindicações presentes na profissão. A esta altura, já se torna nítido os desafios que os professores e professoras de Filosofia enfrentarão, desde sua formação até o exercício da profissão. Diante disso, o Mestrado Profissional se apresenta como um dos principais aliados na promoção de boas práticas educacionais.

Gostaria de destacar uma das falas que representam situações de diversos professores, mas, para não espalhar pandemônio, apresento-a já com a possível solução oferecida pelo Professor Nilton Guimarães Silva, que afirma:

Conforme foi abordado, os desafios que se apresentam para os professores de Filosofia são complexos e necessitam que os educadores estejam preparados para enfrentá-los na formação do sujeito com maior atenção. Nesta dissertação temos como eixo a Pedagogia Científica de Gaston Bachelard, que pode ser uma alternativa aos desafios elencados. O epistemólogo nos sugere, com sua teoria, uma pedagogia inter-relacional, fora de interesses pessoais, entre os participantes da educação. Nessa pedagogia, o racionalismo ensinado vai ao ensinante e vice-versa. Ela é um instrumento de ressignificação de saberes, pois os conhecimentos prévios são rompidos no senso comum, superados nos obstáculos pedagógicos e construídos novos saberes acerca de si mesmo e da realidade em que estão envolvidos professores e educandos, em meio da educação. Vivemos em um modelo de sociedade na qual a interatividade está

presente e consideramos que, por meio deste processo social, a ruptura e a superação de obstáculos podem ser melhor atendidas em consonância com o pensamento bachelardiano. De fato, não há um padrão de aulas de Filosofia e nem um livro didático padrão, nosso papel é criar possibilidades de estudos dentro do modelo de ensino nas quais a escola está regulada. A aula de Filosofia é uma constante experimentação com diferentes situações que nos encontramos na tentativa de superar as dificuldades que enfrentamos no nosso cotidiano. Por isso achamos bem-vinda a concepção bachelardiana de aprendizagem, pois não há uma saída direta e fácil para questões difíceis e complexas como as já existentes na educação. Entretanto, ele nos ajuda a compreender questões relevantes ao considerarmos que, no processo de educar e formar o outro, também nos posicionamos como um alguém que está num processo de formação contínua que aprende enquanto ensina e que ensina aprendendo com o outro. Depois disto ensinaremos melhor inclusive para nós mesmos. (Silva, 2019, p. 33)

Este trecho, extraído de uma das dissertações do PROF-FILO, evidencia as discussões desenvolvidas por professores, mestres e mestrandos, destacando as valiosas contribuições do programa para o campo do ensino de Filosofia. No caso específico, o autor ressalta a complexidade do ato de ensinar Filosofia e propõe a Pedagogia Científica de Gaston Bachelard como uma alternativa para enfrentar tais desafios. Ainda que de forma implícita, a ênfase recai sobre as dificuldades vivenciadas no contexto educacional brasileiro, considerando que o professor Nilton Guimarães realiza sua pesquisa voltada para o ensino básico no Brasil. Esta dissertação representa apenas uma entre as centenas de produções acadêmicas do PROF-FILO que contribuem para uma compreensão mais ampla do ambiente e do espaço escolar.

Professores inseridos em diferentes escolas, bairros e contextos captam situações diversas, enfatizando soluções variadas, mas compondo uma visão única. Apesar das divergências ideológicas, estão unidos por um propósito maior. É natural que suas dissertações apresentem diferenças, mas o eixo que os conecta permanece o mesmo: não apenas a busca pela melhoria da profissão, mas também a promoção da cidadania e a formação de indivíduos autônomos. O ensino de Filosofia é indispensável nessa etapa da vida do cidadão, indo muito além de um simples componente cobrado em provas objetivas ou dissertações argumentativas do Enem; ele se reflete na conduta ética e na humanidade do indivíduo.

Por isso, defende-se que o ensino de Filosofia não deve ser tratado como algo secundário, mas sim como fundamental. O Mestrado Profissional representa um grande avanço nesse sentido, fornecendo resultados e soluções a curto, médio e longo prazo, dependendo da situação. É evidente que os esforços dos mestrandos estão sendo direcionados na direção correta, contribuindo de forma significativa para a melhoria da prática docente e para a consolidação de um ensino de Filosofia mais qualificado.

8 AVERSÃO A FILOSOFIA

Mesmo que se tentasse fugir dos problemas, é imprescindível abordá-los, pois a qualificação do professor é de suma importância para o ensino em sua área de competência. Um professor de Geografia, por exemplo, que venha a ministrar Filosofia com toda boa vontade, não possui a formação adequada para tal, o que tende a gerar uma turma insatisfeita com o aprendizado e maior resistência à disciplina.

No que se refere à formação e experiência de ensino, alguns professores narraram que vieram de outras atividades e que passaram a lecionar filosofia após a formação em licenciatura. Este é um dos complicadores dos desafios, pois a docência exige que o sujeito que ensina tenha o mínimo de formação específica para desenvolver uma boa experiência profissional. Bachelard põe em questão o profissional do ensino que parte de opiniões e de concepções baseadas em ideias que não têm sustentação científica e filosófica. A construção do conhecimento exige, tanto de quem ensina quanto de quem aprende, uma relação direta com o que se apresenta como teoria ou como opinião, afim de construir um itinerário de construção do conhecimento. Não basta ter conhecimentos de humanidades e ser orientado a adequar conteúdos à didática para ensinar e aprender filosofia. É necessário conhecer a filosofia, ter um espírito crítico e aberto aos problemas do nosso tempo e abrir possibilidades de diálogo para que os educandos aprendam o caminho da reflexão investigativa, pois o conhecimento filosófico é algo que está em movimento de constante fazer-se. (Silva, 2019, p. 133)

É fundamental destacar a importância da formação adequada do professor de Filosofia. A presença de docentes com formação mínima na área é essencial, mas, para além disso, o mestrado profissional em Filosofia desempenha um papel decisivo na valorização e no aprimoramento do ensino filosófico.

A atuação de docentes sem formação específica em Filosofia pode gerar, entre os estudantes, resistência e desvalorização em relação à disciplina, decorrentes de experiências de aprendizagem pouco significativas. Embora haja amplo debate sobre metodologias pedagógicas, a ausência de formação adequada na área constitui um desafio recorrente que compromete a qualidade do ensino. A designação de professores sem a devida especialização tende a fragilizar o reconhecimento da disciplina e pode contribuir para um ciclo de desinteresse e afastamento por parte dos alunos.

Nesse contexto, o mestrado profissional surge como uma ferramenta capaz de ressignificar e fortalecer a prática docente. Voltado ao ensino básico, esse programa oferece ao professor conhecimentos filosóficos aprofundados e formação didático pedagógica específica, orientada à realidade da sala de aula. Dessa forma, contribui para a construção de experiências de aprendizagem significativas, valorizando tanto a disciplina quanto o papel do professor na formação crítica e reflexiva dos alunos.

9 CONTRIBUIÇÕES PARA A GRADUAÇÃO

Durante a formação do professor de Filosofia, é indispensável o contato com textos filosóficos e metodológicos voltados para o ensino, textos que aproximem o futuro docente da realidade profissional e o confrontem com a verdadeira face da docência. É natural que o estudante busque, nos autores do cânone, relações com sua vivência escolar, e isso não é difícil de encontrar, já que a Filosofia, em qualquer parte do mundo, continua sendo Filosofia. O que a define não é o lugar geográfico, mas a atitude racional, reflexiva e crítica diante da realidade.

Entretanto, considerando o curto tempo de formação e, muitas vezes, a precarização decorrente do caráter bacharelesco dos cursos, torna-se fundamental que o aluno tenha contato com textos produzidos por professores atuantes no chão da escola. Suas metodologias ultrapassam o campo teórico, oferecendo uma compreensão mais concreta e prática do ato de ensinagem.

Embora relativamente recente, o PROFIFILO (Mestrado Profissional em Filosofia) já oferece um extenso acervo de dissertações, repleto de conteúdos metodológicos ricos. Dentro desse repositório, é possível encontrar um vasto manual metodológico que aborda os diferentes desafios do ensino de filosofia, oferecendo recursos valiosos para aprimorar a prática pedagógica nessa área.

Considerando os desafios enfrentados para tornar a prática docente mais atrativa, como a falta de interesse pelo conteúdo e a competitividade dentro da sala de aula, em que o professor precisa constantemente disputar a atenção dos alunos, é necessário também considerar fatores externos, como o tempo disponível, o cansaço dos estudantes e, especialmente, o impacto dos aparelhos tecnológicos. Estes últimos, sem dúvida, representam um dos maiores obstáculos, desviando o foco e dificultando o engajamento dos alunos com o conteúdo apresentado.

10 GAMIFICAÇÃO DO ENSINO DE FILOSOFIA

O professor Danubio José, formado pelo PROFIFILO – Mestrado Profissional em Filosofia, enfrenta esse desafio ao integrar os aparelhos tecnológicos ao ensino de filosofia, utilizando o processo de gamificação, como relata em sua dissertação. Essa abordagem inovadora busca transformar a interação dos alunos com a disciplina, tornando-a mais dinâmica e envolvente. Conforme destaca Danúbio José Monteiro do Santos (2021, p. 18):

É neste ponto que idealizamos e desenvolvemos um jogo que busca a aliança entre linguagem filosófica, tecnologia, internet e aprendizado em benefício do ensino da Filosofia, visando contribuir para a democratização, dinamização, modernização e informatização.

Esse esforço é essencial para a democratização do ensino de filosofia, visando diminuir as desigualdades, uma vez que a filosofia é cobrada nos vestibulares. Muitos alunos de escolas públicas não têm acesso ao capital cultural necessário, o que acaba resultando em uma educação precária.

Uma das grandes demandas do professor de Filosofia ao lecionar, por exemplo, em escolas públicas, é familiarizar o aluno ao universo de conceitos e de discursos característicos (muitas vezes hermético) da própria Filosofia, pois é algo que não é herdado da família, isto é, diferente de alunos de classe média alta, as classes populares não herdam nem capital cultural, nem meios de acesso para se qualificar em um mercado altamente concorrencial e competitivo como o nosso. (Santos 2021, p. 18)

À primeira vista, pode parecer lúdico imaginar que um aluno aprenda todo o conteúdo de Filosofia por meio de um game. Contudo, é importante destacar que não se trata apenas do conteúdo em si, mas da forma como ele é apresentado. Pelo menos, a partir dessa experiência imersiva no jogo, o aluno desenvolveria um interesse pelo tema, mesmo que mínimo, especialmente considerando que o ensino expositivo tradicional tende a ser cansativo e não se conecta com a realidade do estudante.

O que mais chama a atenção nos jogos é o enredo e suas respectivas histórias. Mesmo depois que a experiência de jogar termina, o que permanece é a lembrança do mundo em que se estava inserido.

O game desenvolvido busca envolver o aluno no universo filosófico, oferecendo-lhe um novo repertório de conceitos, mesmo que seja apenas para introduzi-lo à disciplina de Filosofia, conforme explica o professor:

A equipe encontrou, assim, um espaço recreativo para criar um universo capaz de integrar desde Homero até Aristóteles, trazendo desde elementos da mitologia até conceitos formais, como arché, apeíron, aporia, doxa e ética. Nesse sentido, ocorre uma relação proposital entre os primeiros conteúdos abordados no ensino de Filosofia nos livros didáticos da educação básica e o cosmos ficcional criado pelo jogo. Em linhas gerais, tendo Aristóteles como personagem principal, Platão como seu mestre, os filósofos da natureza como sua missão e criaturas mitológicas como seus inimigos, o jogo percorre um vasto número de ideias e conceitos. Além disso, como um bônus, o jogo inclui também uma de suas sucessoras, pois, como destaca a equipe de desenvolvimento, não era seu objetivo manter silenciosa a voz das mulheres na Filosofia (Santos, 2021, p. 77).

A proposta do Mestre Danúbio é mostrar que, quando bem utilizado, o jogo pode promover igualdade educacional. Nem todos compreendem de imediato a importância da Filosofia, sobretudo em um país que historicamente a relegou ao segundo plano,

tratando-a muitas vezes como uma subdisciplina.

11 RACIONALISMO E DIALOGICIDADE

Uma outra notável contribuição foi do professor Nilton Guimaraes Da Silva em sua dissertação de mestrado profissional ele, convida-nos para uma prática docente longe dos moldes tradicionais, haja vista sua pouca efetividade com as gerações atuais, pois sua metodologia leva em consideração o sujeito aluno pensante, diferente do modelo de educação bancária que [d]esta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depósitos e o educador o depositante.” (Freire, 1997, p.66). Nilton nos apresenta uma concepção de aluno ativo a partir do conceito de Racionalismo de Bachelard, ele destaca em sua dissertação o

(...) Racionalismo Aplicado (1974), onde razão e realidade são aspectos da mesma prática. Este novo Racionalismo é uma Filosofia que admite o diálogo com a experiência, diferentemente da concepção clássica, onde a relação sujeito, objeto, razão e experiência se apresentam como dicotômicas. Nas Considerações Acerca do Processo de Ensino-Aprendizagem, refletimos os processos de ensinagem na educação e na Filosofia. Segundo Bachelard, os alunos já possuem conhecimentos prévios que podem ser aproveitados pelo educador em sua atividade pedagógica e não apenas se posicionarem na forma tradicional de transmissão de conhecimentos. Ele também chama a atenção que não é a exposição intensa de conteúdos que irá garantir a aprendizagem, pois esta é fruto de uma melhor interação entre professores e alunos. Então, o epistemólogo nos propõe uma pedagogia inter-relacional que vem se constituindo como desafio para os professores de filosofia na atualidade e na educação em geral. (SILVA, 2019, p 19)

Assim, a dissertação de Nilton Guimarães da Silva aponta para uma renovação urgente das práticas pedagógicas, valorizando o diálogo, a experiência prévia dos alunos e a construção conjunta do conhecimento. Ao articular Bachelard e Paulo Freire, o autor reforça a necessidade de uma pedagogia interativa e crítica, capaz de ‘formar’ sujeitos autônomos e conscientes, superando o modelo tradicional de ensino centrado apenas na transmissão de conteúdo.

12 METODOLOGIA DIALÓGICA: A CONVERSAÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO

A necessidade diálogo em sala de aula fica claro quando professor tem que silenciar conversas paralelas durante a momento de aula, José Simão oferece uma possibilidade de diálogo tendo em vista necessidade da dialogicidade como mencionou em sua dissertação intitulada: Habermas e a educação: uma práxis democrática e reconstrutiva do ensino de Filosofia conforme: (Freire, apud Lima Neto, 2021, p.12) Para

Freire (2005), o diálogo é um fenômeno humano, que, em sua forma, acontece por meio da palavra e sua força. Na busca pelo entendimento, faz-se necessário compreender os elementos constitutivos da práxis dialógica.

Levando isso em consideração, o autor propõe que haja um diálogo formal entre professor e aluno, configurando uma aula verdadeiramente dialógica. Conforme o seguinte trecho:

Evidente que se faz necessário oportunizarmos, na Educação Básica, em especial nas aulas de Filosofia ou no trabalho do Professor de Filosofia na escola, a criação de espaços de dialogicidade, com foco, em primeiro lugar, em refletir as demandas e aspirações dos alunos, como verdadeiros sujeitos que possuem valor existencial- comunicacional, envolvidos no processo educativo (Lima Neto, 2021, p,13)

Dessa forma, efetiva-se o princípio da teoria habermasiana do agir comunicativo, devolvendo ao ensino de Filosofia um significado muitas vezes esvaziado pelo modelo tradicional. Em vez de simplesmente impor silêncio aos estudantes, propõe-se explorar a potencialidade do diálogo como caminho para algo maior — como a própria democracia, por exemplo — buscando através de uma boa articulação comunicativa um possível consenso racionalmente motivado. conforme afirma o autor:

Desse modo, pretende-se reconhecer o fenômeno educativo e o ensino de Filosofia como processo discursivo e interacional, visando a especular acerca das possibilidades relacionais entre o ensino de filosofia e a temática habermasiana, pautando uma orientação em que os subjetivos escolares, professores e alunos, envolvidos numa situação de fala possam vislumbrar a capacidade de atingir uma compreensão mútua. (Lima Neto, 2021, p,11)

13 A ESCRITA COMO ESPAÇO DE DIALOGICIDADE

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a produção textual é um dos eixos estruturantes do processo educativo, estando presente tanto nas competências gerais quanto nos componentes curriculares. A Competência Geral 4 da BNCC explicita a necessidade de os alunos “utilizarem diferentes linguagens — verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital — para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos” (BRASIL, 2018, p. 9). Com isso, vale ressaltar que apenas o diálogo não define uma aula, pois a BNCC exige também a integração da escrita. Nesse contexto, gostaria de destacar a contribuição do professor e ex-aluno do PROF-FILO, atual mestre Gildimar Guilherme, que evidencia em sua dissertação intitulada O Impensado: uma experiência filosófica sobre a escrita da vida a importância da produção escrita como prática reflexiva

e constitutiva do pensamento filosófico.

Diferentes professores de Filosofia, mesmo com narrativas diversas, concordam que não é possível ensinar Filosofia sem ensinar a filosofar. É um imperativo que o ensino de filosofia de maneira efetiva deva, ser um constante convite a filosofar, a proposta do nosso autor em é que pensar a escrita como um ato de filosofar, ele afirma que:

Escrever é filosofar, escrever é uma das tantas experiências possíveis de representar os mundos plurais, através da escrita podemos filosofar com pessoas de diversos lugares. Escrever as experiências ou o que delas compreendemos é um começo para se pensar as experiências e os acontecimentos. (Guilherme Silva, 2020, p, 61)

14 FILOSOFIA E INFÂNCIA ENCAIXA

Costuma-se associar o ensino de Filosofia exclusivamente ao Ensino Médio, etapa em que de fato sua oferta se inicia. Entretanto, há no Brasil professores que não apenas estudam essa possibilidade, mas já a implementam por meio de projetos pedagógicos. É o caso do projeto de Filosofia “Em Caxias, a Filosofia En-caixa”, adotado pela professora Adriana Tavares de Almeida em sua dissertação de mestrado profissional, intitulada Filosofia e Infância na Escola: Tecendo Algumas Contribuições a Partir do Projeto “Em Caxias, a Filosofia En-caixa”. Durante o desenvolvimento do projeto, a professora realiza uma ampla pesquisa envolvendo crianças no ensino de Filosofia — algo que, para muitos filósofos, seria impensável, já que se acredita que crianças não possuem capacidade cognitiva suficiente para “aprender Filosofia”, considerando que sua cognição ainda está em formação, e que apenas na adolescência seria possível filosofar.

Contudo, a experiência prática demonstra a viabilidade de se trabalhar Filosofia com crianças, evidenciando possibilidades concretas de filosofia e infância. Conforme Almeida (2019, p.13):

Partindo da ideia de que a filosofia e a infância podem ser pensadas de muitas maneiras e vivenciadas na escola a partir de diversas perspectivas teóricas e metodológicas, em meio às múltiplas formas em que essas relações e práticas se apresentam, o nosso estudo buscou pensar a filosofia e a infância na escola tecendo algumas possibilidades a partir das contribuições do Projeto em Caxias a Filosofia en-Caixa? A Escola Pública Aposta no Pensamento.

A partir dessa perspectiva, Almeida mostra que é possível repensar o papel da escola e do professor, promovendo práticas pedagógicas que reconheçam as crianças como sujeitos capazes de reflexão crítica. O projeto evidencia que, com metodologias adequadas e abordagem lúdica, a Filosofia pode ser incorporada à infância, abrindo

espaço para experiências de pensamento reflexivo e construção de sentido desde os primeiros anos escolares. Por serem crianças, elas possuem experiências significativas para sua formação cidadã, desenvolvidas a partir do diálogo e da perguntação. Conforme a autora afirma em sua dissertação:

Da mesma forma compartilhando suas vivências enquanto infantes na escola e no meio social no qual estão inseridos estão também vivenciando sua alteridade, a partir do gesto de perguntar, suscitar a dúvida, porque o gesto de perguntar do outro é peça-chave para uma experiência de pensamento. De igual forma, intencionamos que o aluno ainda na infância comece a exercitar o diálogo que é o alicerce para todo relacionamento com o outro e com o meio social no qual fazem parte, apenas pela via dialógica se consegue uma abertura de mundo. Isso se torna possível porque a maior parte de uma experiência de pensamento é ocupada pelo diálogo filosófico que é o tensionador responsável por propiciar essa abertura de mundo, que por sua vez é capaz de dar a nossa prática pedagógica uma nova significação, agregando novos sentidos ao ensino da filosofia segundo Gomes in KOHAN; OLARIETA (2012). Deste modo os alunos também poderão aprender a refletir sobre o seu viver na comunidade, pensar sobre as implicações das relações tecidas na convivência com o outro. (Almeida, 2019, p.61)

É possível perceber, mesmo nesse contexto, o caráter dialógico do ensino de Filosofia, evidenciando que não se pode separar a Filosofia do diálogo. Métodos tradicionais, como aulas expositivas, têm seu lugar, mas quando aplicados de maneira rígida podem tornar o ensino enfadonho, gerando repulsa nos alunos e transformando o aprendizado em mera memorização de conceitos desprovidos de vivência prática. Essa ausência de reflexão crítica contribui para uma sociedade em que o diálogo racional é escasso, a crítica fundamentada é rara, e as informações falsas passam a moldar as mentes, transformando o senso comum e as fake news em verdades absolutas.

15 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, buscou-se refletir sobre a valorização da atividade docente no ensino de Filosofia, tomando como eixo central a articulação entre formação inicial, prática pedagógica e o papel do Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) como espaço privilegiado de práxis e resistência. Partiu-se do diagnóstico de um cenário marcado pela desvalorização da profissão docente, pela fragilidade das políticas educacionais e pelo lugar historicamente instável ocupado pela Filosofia no currículo da educação básica brasileira.

Nesse percurso, evidenciou-se que muitos dos problemas enfrentados pelo professor de Filosofia não se restringem à sala de aula, mas estão enraizados em fatores políticos, culturais e institucionais que atravessam a formação docente desde a graduação. O caráter bacharelesco dos cursos de licenciatura, a excessiva

cientificização da formação e o distanciamento entre teoria e prática contribuem para a construção de uma identidade docente fragilizada, frequentemente confrontada com a realidade dura do chão da escola.

Diante desse contexto, o Mestrado Profissional em Filosofia emerge como uma alternativa concreta e necessária. Diferentemente de modelos acadêmicos distanciados da realidade educacional, o PROF-FILO se constitui como um espaço em que a reflexão filosófica se encontra com os desafios cotidianos da docência. As dissertações produzidas no âmbito do programa revelam problemas reais vivenciados nas escolas públicas brasileiras e propõem soluções viáveis, metodologias inovadoras e práticas pedagógicas comprometidas com a formação crítica dos educandos.

As experiências analisadas — envolvendo gamificação, metodologias dialógicas, racionalismo aplicado, escrita filosófica e filosofia com crianças — demonstram que o ensino de Filosofia pode ser significativo, democrático e transformador quando pensado a partir da realidade concreta dos alunos. Essas produções evidenciam que ensinar Filosofia não é apenas transmitir conteúdos, mas criar condições para que o aluno filosofe, dialogue, questione e compreenda criticamente o mundo em que está inserido.

Pelos corredores das universidades e nos repositórios digitais encontram-se, muitas vezes invisibilizadas, verdadeiras ferramentas de transformação pedagógica: dissertações construídas por professores que vivenciam diariamente os desafios da educação básica. Valorizar essas produções não significa abandonar o cânone filosófico, mas reconhecê-lo em diálogo com a realidade brasileira, ampliando o repertório formativo dos futuros docentes e fortalecendo sua identidade profissional.

Conclui-se, portanto, que a valorização da atividade docente em Filosofia passa, necessariamente, pela aproximação entre universidade e escola, pela valorização das práticas desenvolvidas no chão da escola e pelo reconhecimento do Mestrado Profissional como um espaço legítimo de produção de conhecimento filosófico-pedagógico. Defender o ensino de Filosofia é defender a formação de sujeitos críticos, autônomos e conscientes, capazes de resistir às simplificações, às fake news e às formas de dominação que se impõem em uma sociedade cada vez mais tecnicista e utilitarista.

Assim, reafirma-se que a Filosofia não é um luxo, nem um apêndice curricular, mas um componente fundamental da formação humana. Valorizar o professor de Filosofia, sua formação e sua prática, é também valorizar a democracia, o diálogo e a possibilidade de uma educação verdadeiramente emancipadora.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Adriana Tavares De. **Filosofia e Infância na Escola:** Tecendo Algumas Contribuições A Partir do Projeto em Caxias a Filosofia Encaixa?. Orientadora: Conceição Gislâne Nóbrega Lima de Salles. (Dissertação) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/37034>

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Editai nº 006/2024 – PROF-FILO – Processo Seletivo de Alunos/as – Turma 2025 2027.** Brasília, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/pt-br/centrais-de-conteudo/editais/12112024_EDITAI_Turma20252027PROFFILO_retificado_08102024.pdf. Acesso em: 12 set. 2025.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Mestrado Profissional: o que é?** Brasília: CAPES, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/pt-br/centrais-de-conteudo/editais/12112024_EDITAI_Turma20252027PROFFILO_retificado_08102024.pdf. Acesso em: 12 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC):** Educação Básica. Brasília, 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia.** São Paulo: Editora Ática, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação "bancária" e educação libertadora.** In: PATTO, M. H. S. (org.). Introdução à Psicologia Escolar. 3. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

MATOS, Junot Cornélio. **Filosofia:** Por que ensino? Como ensino? São Carlos: João & Pedro LTDA, 2023.

NETO, José Simão de Lima. **Habermas e a Educação:** uma praxis democrática e reconstrutiva do ensino de Filosofia. Orientador: Flávio Henrique Albert Brayner. (Dissertação) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43461>

SANTOS, Danubio José Monteiro Dos. **GAMIFICAÇÃO NO ENSINO DA FILOSOFIA:** o jogo de RPG eletrônico como ferramenta para o ensino da Filosofia. Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ricardo Vieira Ramos. (Dissertação) - Centro de Filosofia e Ciências

Humanas Universidade Federal de Pernambuco, Recife 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/47805>

SILVA, Gildimar Guilherme da. **O Impensando: Uma experiência filosofia sobre a escrita da vida**. Orientador: Junot Cornélio Matos. (Dissertação) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38648>

SILVA, Nilton Guimarães da. **Professores de Filosofia e os Desafios do Ensino de Filosofia No Ensino Médio Sob a Perspectiva da Epistemologia de Gaston Bachelard**. Orientador: Nélvio Vieira de Melo. (Dissertação) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38470>

AGRADECIMENTOS:

Em primeiro lugar, agradeço ao meu Senhor Deus, que me sustentou até aqui, me carregou quando me faltaram forças e me guiou quando eu já não encontrava o caminho.

Em segundo lugar, agradeço à minha família, à minha companheira e amada esposa Maria Emília, e aos meus parentes: minha mãe, Evânia Santana de Souza, que me criou sozinha com coragem e dedicação; meus irmãos, Thiago Wesley e Samuel Reynan, que simplesmente por existirem me motivam a continuar; meus sogros, Ana Lúcia da Silva e Edimilson Severino da Silva; meus tios, Evanize, Evaneide, Evanilza e Evandro, e meus padrinhos, Luciano Lourenço e Benedita Márcia; meu avô, Wilson Chaves; e todos os meus primos e primas. Cada um, à sua maneira, contribuiu para que eu chegasse até aqui..

Agradeço também às pessoas que me lideraram espiritualmente: meus pastores Daniel Oleiro e sua esposa Sheyla Oleiro, bem como o pastor Noberto Gonzaga e Margareth Gonzaga. Com amor, paciência e intercessão, caminharam ao meu lado e me fortaleceram em muitos momentos.

Aos amigos Fernando, Edelson, Douglas e Breno, meu sincero agradecimento pelo apoio, conselhos e incentivo constantes ao longo desta jornada acadêmica.

Agradeço aos professores do Departamento de Filosofia, em especial a Suzano Aquino Guimarães e à professora Gabriela Carreiro, que despertaram em- mim uma compreensão mais profunda e inspiradora sobre o que significa ensinar filosofia.

Por fim, e não menos importante, agradeço ao meu orientador, Junot Cornélio Matos, que com dedicação, paciência e compromisso se dispôs a me orientar, contribuindo significativamente para a realização deste trabalho.